



**Reitor**

Carlos Augusto Moreira Júnior

**Vice-Reitora**

Márcia Helena Mendonça

**Diretora da Editora UFPR**

Serlei Maria Fischer Ranzi

**Conselho Editorial**

Alexander Welker Biondo  
Carlos Alberto Ubirajara Gontarski  
Ida Chapaval Pimentel  
Jose Borges Neto  
Luiz Edson Fachin  
Maria de Fatima Mantovani  
Maria Rita de Assis Cesar  
Mario Antonio Navarro da Silva  
Quintino Dalmolin  
Sergio Luiz Meister Berleze  
Sylvio Fausto Gil Filho  
Ulf Gregor Baranow

*HEGEMONIA E CULTURA:*  
**GRAMSCI**

3.<sup>a</sup> edição

*Anita Helena Schlesener*

SBD-FFLCH-USP



323428

*Editora*  
UFPR

## HEGEMONIA E CULTURA

---

### 1. Bloco histórico e hegemonia

A reciprocidade e organicidade entre o estrutural e o superestrutural, o vínculo concreto entre “as forças materiais e as ideologias”, entre o “econômico-social e o ético-político em cada momento histórico”, Gramsci expressa no conceito de bloco histórico.<sup>1</sup>

Este conceito permite chegar a uma “análise das forças que atuam na história de um determinado período e à definição da relação entre elas”,<sup>2</sup> isto é, Gramsci acentua que a relação entre o econômico-social e o ético-político assume características específicas em cada formação social, em determinado momento histórico, e procura mostrar esta organicidade em situações concretas (a Revolução Francesa, o Renascimento, o Ressurgimento, a ascensão do fascismo, etc.), na correlação de forças que se estabelece em cada situação histórica; a reciprocidade entre estas instâncias é explicitada no modo como as ideologias se radicam na estrutura da sociedade, organi-

<sup>1</sup> GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*, p. 63. Ao se referir ao mundo da produção, Gramsci utiliza o conceito econômico-social, entendendo que o econômico engloba não só a produção de bens materiais, mas também as relações sociais que se criam a partir das relações de produção; do mesmo modo, o ético-político, conceito que aponta para a relação entre política e cultura, expressa na constatação de que a luta política supõe um certo grau de homogeneidade, uma concepção de mundo coerente e unitária.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 45.

zando os grupos sociais, formando o terreno onde tais grupos se movimentam, pensam, sentem, sonham, adquirem consciência de sua posição na sociedade e lutam para conservá-la ou transformá-la.

\* É no interior do bloco histórico que se explicitam as relações de hegemonia, os mecanismos de dominação e direção exercidos por uma classe social sobre toda a sociedade em determinado momento histórico, bem como se esclarece a função dos intelectuais como organizadores da hegemonia.

A noção de hegemonia articula-se à concepção gramsciana de Estado, que se propõe compreender as novas características da formação e reprodução das relações de poder nas sociedades onde o capitalismo alcançou um novo estágio do seu desenvolvimento. Nestas sociedades, o poder é exercido através da sociedade política, composta pelos aparelhos administrativo-burocrático e político-militar, pelos quais a classe que detém o poder tem condições de reprimir e disciplinar os grupos sociais que se opõem ao seu domínio; e da sociedade civil, formada pelas instituições que elaboram e/ou divulgam as ideologias, possibilitando a formação de consenso, base de sustentação das relações de poder.

A sociedade civil é o "conjunto de organismos chamados 'privados' e que correspondem à função de 'hegemonia' que o grupo dominante exerce em toda a sociedade";<sup>3</sup> trata-se do conjunto de instituições (também denominadas "aparelhos privados" de hegemonia), nas quais se elaboram as concepções de mundo pelas quais a sociedade se representa a si mesma (suas lutas e aspirações), onde se organizam os grupos sociais e se realiza a direção política e cultural da sociedade. Estas organizações da sociedade civil, chamadas "privadas" porque são relativamente autônomas em relação à sociedade política, só surgem ou assumem esta função com as revoluções democrático-burguesas, pela organização dos Estados modernos e a intensificação das lutas sociais. São instituições que nasceram a partir da correlação de forças sociais que geraram estes novos Estados, da ampliação da participação política dos cidadãos, dos novos conflitos sociais ligados ao desenvolvimento do modo de produção capitalista: sindicatos, partidos políticos, meios de comunicação de massa (jornais, revistas, editoras e todas as instituições ligadas à organização da cultura), bem como o sistema escolar, as Igre-

<sup>3</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 11.

jas e universidades, organizações antigas que se adaptaram à nova situação.

O exercício do poder ocorre pela articulação das funções da sociedade política e da sociedade civil: à primeira, corresponde o "domínio direto" ou o comando; à segunda, a função de direção da sociedade pela formação e conservação do consenso, viabilizando a legitimação do poder:

*A supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras: como "domínio" e como "direção intelectual e moral". Um grupo social é dominante dos grupos adversários que tende a "liquidar" ou a submeter também com a força armada; e é dirigente dos grupos afins ou aliados.<sup>4</sup>*

O exercício do poder ocorre pela combinação de domínio e direção; esta, no texto citado, se faz no sentido de buscar alianças políticas capazes de dar sustentação à classe no poder; mesmo a formação do consenso pela difusão de uma concepção de mundo não dá à classe dirigente o controle sobre toda a sociedade; o conflito, a divergência de opiniões, as contradições sociais, os movimentos por uma nova hegemonia, podem exigir o uso da força.

A sociedade política tem a função de controlar, de "assegurar legalmente a disciplina dos grupos que não consentem, nem ativa, nem passivamente" aos objetivos dominantes; a coerção é exercida principalmente nos momentos de crise, quando fracassa o consenso espontâneo.

O que se evidencia claramente nas estruturas de poder na história é que existem correlações de forças que se manifestam através da "força e do consenso, da dominação e da hegemonia, da violência e da civilização, do momento individual e do universal, da agitação e da propaganda, da tática e da estratégia, etc."<sup>5</sup> O exercício da hegemonia assume conotações diferentes a partir do modo como os

<sup>4</sup> GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*, p. 276. Ao abordar o processo de formação da hegemonia dos grupos conservadores na política italiana do Ressurgimento, Gramsci acentua a sua capacidade em conquistar os possíveis antagonistas através de um discurso persuasivo pela unidade, combinado com pequenas concessões políticas. Tais alianças e acordos supõem a coesão e a homogeneidade do grupo que pretende a hegemonia, bem como o conhecimento dos interesses dos aliados em potencial.

<sup>5</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 11.

grupos sociais se relacionam e exercem suas funções com base na organização e desenvolvimento das forças materiais de produção, da organização do Estado e do papel mais ou menos coercitivo e intervencionista da sociedade política, e ainda do processo de conscientização política das classes dominadas; a hegemonia é uma relação ativa, cambiante, evidenciando os conflitos sociais, os modos de pensar e agir que se expressam na vivência política; conforme se desenvolvem e se inter-relacionam as forças em luta, tem-se o fortalecimento das relações de domínio, o equilíbrio entre coerção e consenso ou a ampliação da participação política e da organização da sociedade civil.

Assim, do modo como se desenvolver a luta pela hegemonia e a relação entre sociedade política e sociedade civil, teremos as formas de Estado.

Na concepção liberal, o Estado (em sentido restrito – a sociedade política) apresenta-se como o aparelho representativo e suas ações “limitam-se à tutela da ordem pública e do respeito às leis”.<sup>6</sup> Um Estado que não superou a fase “corporativo-econômica”, em que o nível de solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social é pequeno.

A representação ideológica desta situação se manifesta no Estado como “guarda-noturno, policial, vigilante”. Na verdade, esta concepção oculta o caráter de classe do poder do Estado: identificando-se Estado e Governo, apresenta-se o Estado como separado e acima da sociedade e, por isso, o representante universal de todos; deixa-se a “iniciativa histórica às diversas forças que permeiam a sociedade civil, ficando o ‘Estado’ como o guardião da ‘lealdade do jogo’ e das suas leis”.<sup>7</sup>

Esta caracterização pressupõe a neutralidade das leis e a apresentação do direito como “expressão integral de toda a sociedade” possibilitando a veiculação da “utopia democrática” segundo a qual “todos podem tornar-se elementos da classe dirigente”;<sup>8</sup> na realidade, o Estado desempenha um papel bem mais amplo e assume novas funções à medida que se desenvolve a estrutura do capitalismo; não se pode separar sociedade política e sociedade civil, onde se dá realmente a direção do desenvolvimento histórico; assim, temos o

<sup>6</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 148.  
<sup>7</sup> \_\_\_\_\_, p. 149.  
<sup>8</sup> \_\_\_\_\_, p. 152-3.

“Críticas da opinião pública”

“exercício ‘normal’ da hegemonia”, que, “no terreno clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram variadamente, sem que a força suplante muito o consenso, ou melhor, procurando obter que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública”, que, em determinadas situações, se multiplicam.<sup>9</sup> A partir da constituição do Estado Moderno e da ampliação da participação política, ligadas às conquistas sociais e políticas resultantes das lutas dos trabalhadores, a preparação da opinião pública para a aceitação de determinadas ações políticas realizadas pelo Estado torna-se fundamental na conquista e conservação da hegemonia.

Os meios de comunicação, assim como os partidos em seu trabalho de direção política, desempenham o papel de formar a opinião pública, organizando e centralizando certos elementos da sociedade civil em torno de determinadas propostas e ações. Daí “a luta pelo monopólio dos órgãos de opinião pública: jornais, partidos, parlamento, de modo que uma única força modele a opinião e a vontade política nacional”.<sup>10</sup> Pela atuação da sociedade política através do sistema judiciário (direito), do sistema escolar e da propaganda vemos que, com a ampliação das conquistas políticas, as funções de hegemonia passam a ser exercidas pela sociedade política e sociedade civil vinculadas; a sociedade política exerce um papel “educador” na sociedade, partilhando esta função com a sociedade civil. E a formação da opinião pública através dos mecanismos da sociedade civil formando um clima favorável a determinadas atitudes políticas dos grupos no poder pode mostrar o quanto esta relação é eficaz para o exercício da hegemonia. É importante acentuar, porém, que a atuação da sociedade política é restrita, em função da relativa autonomia das instituições da sociedade civil; a estrutura social é dinâmica, as relações sociais são contraditórias e as instituições sociais são permeadas pelo conflito; deste modo, é possível a uma classe inovadora contrapor-se ao formidável “complexo de trincheiras e fortificações” das classes dominantes,<sup>11</sup> há na sociedade civil espaço para a emergência da crítica, a elaboração de novas concepções de mundo e a luta por novas relações hegemônicas. A própria estrutu-

<sup>9</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 116.  
<sup>10</sup> \_\_\_\_\_, *Passato e presente*, p. 158.  
<sup>11</sup> \_\_\_\_\_, *Quaderni del carcere*, p. 2283-4, e *Risorgimento*, p. 191-3.

ra da sociedade e a característica dinâmica das relações de hegemonia abre perspectivas de transformação.

As classes trabalhadoras, através de suas lutas por melhores condições de vida e de trabalho e por sua organização política, na cidade e no campo, criam alternativas de resistência aos procedimentos institucionais e políticos que reforçam a ideologia dominante e consolidam as divisões sociais. A classe no poder precisa renovar e recriar constantemente suas formas de direção, ao mesmo tempo em que as classes dominadas tentam resistir e alterar as relações hegemônicas.

Gramsci reconhece as dificuldades que as classes dominadas precisam enfrentar na luta pela hegemonia: sua história é "desagregada e episódica", sua atividade organizativa e cultural é continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes; só o sucesso da ação, o "ciclo histórico concluído", a vitória revolucionária rompe, mas não imediatamente, a subordinação. Por isso, qualquer traço de iniciativa autônoma é de um valor inestimável para o processo histórico integral. A resistência depende de como estas iniciativas são organizadas em instituições criadas pelos trabalhadores (sindicatos, partidos, comissões de fábrica, jornais de opinião, etc.). A história das classes dominadas "está entrelaçada àquela da sociedade civil";<sup>12</sup> é este o seu espaço de organização política.

A luta por novas relações de hegemonia se explicita na noção de crise orgânica, igual à crise de hegemonia, crise de autoridade, perda do consenso e da direção da sociedade; tal crise se apresenta como o rompimento entre a evolução da estrutura e da superestrutura e se traduz pela perda da representatividade da classe no poder, resultante de erros políticos e da ausência de uma atuação efetiva nos níveis econômico e cultural; o grupo social dominante já exauriu sua função e não consegue fazer a sociedade avançar em seu conjunto; seus intelectuais já não conseguem manter a coesão entre os grupos aliados, o bloco ideológico que lhe dá sustentação passa a desagregar-se; em suma, a crise orgânica é uma crise geral (econômica, política, moral) que pode se apresentar inicialmente como crise de direção, mas tem raízes profundas na formação econômico-social.

A crise hegemônica assume características diversas nas diferentes situações históricas: a classe dominante perde a confiança das outras classes sociais (o que se expressa no anacronismo e na desa-

<sup>12</sup> GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*, p. 2283-4, e *Risorgimento*, p. 191-3.

gregação dos partidos políticos, que se esvaziam ou mesmo desaparecem, e nos órgãos de formação da opinião pública que, ligados a partidos, traduzem a mumificação e o vazio de conteúdo social destas instituições); para exemplificar a perda do consenso no contexto das correlações de força que perpassam a sociedade, Gramsci cita duas situações limite (podem ocorrer outras, dependendo do momento histórico): ou o fracasso em determinado empreendimento político no qual, através do consentimento ou da força, se envolve a sociedade inteira (a guerra, por exemplo), ou "então porque amplas massas (especialmente de camponeses e de pequenos burgueses intelectuais) passaram de repente da passividade política a certa atividade e apresentaram reivindicações que, no seu complexo desorganizado, constituem uma revolução".<sup>13</sup>

A crise orgânica expressa-se politicamente na incapacidade da classe dominante em manter o consenso enquanto as classes dominadas não estão suficientemente organizadas para conquistar e exercer a hegemonia. Assim, pode-se abrir espaço a situações perigosas, pois a crise afeta principalmente a sociedade civil. A classe dominante pode impor-se ainda, pois mantém o controle dos mecanismos de coerção e o aparato administrativo e burocrático, que constituem a sociedade política. Possui também melhores condições de reorganizar-se e retomar o controle político com rapidez, através da mudança de homens e de programas, revendo os compromissos com os grupos que a apóiam, reafirmando alianças inclusive com "sacrifícios e expondo-se a um futuro sombrio com promessas demagógicas", ao mesmo tempo que pode servir-se do poder para desarticular e reprimir as tentativas de organização das classes dominadas.<sup>14</sup>

Um dos caminhos para a reorganização hegemônica é a reestruturação partidária, a "unificação das tropas de muitos partidos sob a bandeira de um partido único", onde todo o grupo social

<sup>13</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 55.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_, p. 55. A palavra demagogia, antes do sentido contemporâneo, pejorativo e negativo (utilização política das massas, viável pela exaltação dos instintos e da espontaneidade), significava capacidade diretiva dos chefes e políticos, que sabiam guiar o povo, despertando nele o entusiasmo e a paixão. No contexto do Ressurgimento, os políticos "foram grandes demagogos: fizeram do povo-nação um instrumento, um objeto, degradando-o, e nisto consiste a máxima e mais desprezível demagogia". O termo, portanto, assume, aqui e nas considerações sobre o Ressurgimento, a conotação pejorativa moderna. GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*, p. 299.

dominante se funde numa única direção capaz de reagrupar seus intelectuais e orientar a política.<sup>15</sup>

Quando esta solução não se efetiva, o caminho que se abre é o da força, o da reorganização da classe dominante em torno de um "chefe carismático". Embora os regimes totalitários assumam características diversas de acordo com o momento histórico, pode-se afirmar que "exprimem uma situação em que as forças em luta se equilibram de modo catastrófico, isto é, equilibram-se de tal forma que a continuação da luta só pode levar à destruição recíproca".<sup>16</sup> Deste modo, tais regimes podem assumir uma função mais progressista, ou mais conservadora, dependendo do modo como ocorrer a reorganização das forças em luta. No mundo moderno, tais regimes aprofundam ainda mais os contrastes e antagonismos de classe.

Os governos de coalizão podem constituir-se num primeiro grau de cesarismo, podendo ou não se desenvolver até se transformarem em governos ditatoriais. No caso italiano, a ascensão do fascismo vinculou-se não só a mecanismos de coalizão, mas também a organismos nascidos da sociedade civil (partido, organizações paramilitares). Este processo de tomada do poder por um partido disciplinador e centralizador, que se impõe pela força, é expresso no conceito "revolução passiva", ou "revolução-restauração".<sup>17</sup> Na forma de governo instaurada, o equilíbrio entre força e consenso deixa de existir e as funções de domínio se fortalecem à medida que um partido determinado assume as atividades do Parlamento, e passa a "desempenhar funções não só políticas, mas técnicas, de propaganda, de polícia, de influência moral e cultural".<sup>18</sup>

Neste contexto, altera-se a relação entre sociedade política e sociedade civil: todas as funções são incorporadas pelo partido (não só as do Parlamento mas também as dos aparelhos de hegemonia); também se modifica a sua função política, à medida que os outros partidos passam a viver e desempenhar suas funções na ilegalidade, sendo necessário combatê-los; para tanto, abstrai-se a ação política imediata, as "questões políticas revestem-se de formas culturais", o papel central no cenário nacional passa a ser desempenhado pela cultura, utilizada, manipulada pelo partido para conseguir o

<sup>15</sup> GRAMSCI. A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 55.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_, p. 63.

<sup>17</sup> \_\_\_\_\_, p. 75-81.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_, p. 23.

apoiar as massas ao Governo, massas que "não têm outra função política que a de uma fidelidade genérica, de tipo militar, a um certo político visível ou invisível", unidas por pregações morais e pela exaltação do sentimento, servindo como "massas de manobra".<sup>19</sup>

Nas circunstâncias políticas de profunda crise hegemônica (econômica, política e cultural), os regimes intervencionistas visam recuperar o país e reorganizar a produção através de um deslocamento da direção hegemônica para a dominação e um conseqüente processo de estatização e burocratização.

Implementar a racionalização da produção e do trabalho com meios coercitivos exteriores, disciplinando e ordenando a produção de modo impositivo, faz o processo político desembocar numa forma de bonapartismo, não só nas sociedades capitalistas, mas também no movimento socialista: referindo-se à simpatia de Trotsky pelo americanismo e pela racionalização do trabalho, Gramsci acentua que o "princípio de coerção na organização da produção e do trabalho é justo, mas a forma que ele assumira era errada"; (...) "os novos métodos de trabalho estão indissolúvelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida";<sup>20</sup> ou seja, não é possível implementar um novo sistema de produção sem que se transforme a concepção de mundo, os hábitos, os costumes, toda a vida dos trabalhadores e da sociedade em geral. Tal processo, na implantação do socialismo, implica a vivência de novas relações de hegemonia, de um novo modelo político em que se fortaleça a sociedade civil e ocorra uma intensa socialização da política. Supõem a criação de uma "unicidade dos fins econômicos e políticos e uma unidade intelectual e moral",<sup>21</sup> a superação de um Estado de forma corporativo-econômica por um Estado integral, onde a sociedade política perde as suas funções, já que a coerção não se faz mais necessária e é reabsorvida pela sociedade civil.<sup>22</sup> O sucesso na construção do socialismo depende do modo como as mudanças na estrutura econômica se articulam com o exercício da hegemonia e o fortalecimento da sociedade civil. A democracia socialista só pode ser construída com a participação e a responsabilidade coletiva pela vida da sociedade, pela criação de condições de autonomia e organização política da sociedade civil, num processo que possibilite supe-

<sup>19</sup> GRAMSCI. A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 24.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_, p. 396.

<sup>21</sup> \_\_\_\_\_, p. 49-50.

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_, p. 102 e 147.

rar a alienação política na superação da divisão entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos, numa prática que se identifica com o autogoverno. Esta prática política deverá ser construída e há situações históricas (sociedades medievais, governos absolutos, transição para o socialismo) em que um período de organização estatal é necessário e mesmo oportuno: tal estrutura, porém, não deve perpetuar-se, mas sim ser continuamente criticada para que se possa efetivamente caminhar no sentido do autogoverno, expresso na organização de uma sociedade civil fortalecida e autônoma.<sup>23</sup>

Assim, a hegemonia expressa-se de modos diversos a partir da estrutura do Estado e do modo como se organiza o processo produtivo. Embora toda a organização política e cultural tenha raízes no mundo da produção e na luta de classes, nos Estados mais avançados a sociedade civil organizou-se e se transformou numa estrutura "complexa e resistente", base para manifestações políticas e ideológicas relativamente autônomas; deste modo, as "irrupções" catastróficas do elemento econômico imediato (crises, depressões, etc.) não são suficientes para impulsionar um processo de transformação,<sup>24</sup> não levam a um colapso do modo de produção capitalista, porque existe uma rede de instituições na sociedade civil que possibilita contornar a crise, formar a opinião pública, apresentar os conflitos gerados a partir das relações de produção como contradições secundárias, enfim, renovar e conservar o consenso. Tais instituições são como "o sistema de trincheiras na guerra moderna":

*Durante as grandes crises econômicas "nem as tropas atacantes, em virtude da crise, organizam-se rapidamente no tempo e no espaço, nem muito menos adquirem um espírito agressivo; reciprocamente, os atacados não se desmoralizam, nem abandonam as defesas, mesmo em ruínas, nem perdem a confiança na sua força e no seu futuro".<sup>25</sup>*

A crise econômica passa a ser um aspecto de um processo mais amplo de relações e assume novas características no contexto da cri-

<sup>23</sup> GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 19-20; 81-4; 144-6; 149-50; 166-7; e também *Passato e presente*, p. 86-7 e 165-6. As críticas ao "governo dos funcionários", à "estatolatria", à burocratização do Estado, aos "governos absolutistas", ao sectarismo, podem ser tomadas como críticas aos caminhos tomados pela União Soviética sob o comando de Stalin.

<sup>24</sup> \_\_\_\_\_. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 73.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. p. 73.

se de hegemonia, ou seja, é no campo político e cultural da luta hegemônica que a questão econômica precisa ser enfrentada. As classes dominadas precisam conquistar a hegemonia para transformar a estrutura social. Nos Estados democráticos modernos, a estratégia deve ser a "guerra de posições"; trata-se de conquistar a direção política e o consenso na sociedade civil, o que é possível pela própria característica das instituições que a compõem: "privadas", relativamente autônomas, permeadas pela contradição que perpassa o social; e pelo modo como se organiza a hegemonia, fundada na correlação de forças sociais, como uma relação ativa, de extrema mobilidade. Trata-se, para Gramsci, de preparar as classes trabalhadoras para enfrentar o fascismo subvertendo as suas técnicas, desmistificando o seu discurso; a "guerra de posições", como nova estratégia de luta, liga-se à compreensão das transformações históricas e do papel do fascismo no processo de reestruturação do capitalismo.

## 2. Os intelectuais

No contexto das relações hegemônicas, a direção política e cultural de uma classe social sobre a sociedade se realiza pela mediação de seus intelectuais. Os grupos sociais, que nascem a partir do modo como se estrutura o mundo da produção econômica, criam, de modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais, que dão à classe homogeneidade ideológica e política, unificando e dando coerência à ação econômica, social e política.<sup>26</sup> Enquanto "organizadores da hegemonia social", "construtores de ideologias",<sup>27</sup> os intelectuais efetivam o vínculo orgânico entre o modo de produção e as superestruturas, unificando as diversas classes sociais em torno da classe dirigente e de seus objetivos. Tal atuação se desenvolve no seio da sociedade civil e da sociedade política: como elaboradores das ideologias, ao mesmo tempo que dão ao grupo que representam consciência de sua função histórica, conseguem o consentimento "espontâneo" das massas pela formação de uma concepção de mundo vivida no cotidiano e veiculada nas instituições da sociedade civil; como "comissários" da classe dominante, exercem uma ati-

<sup>26</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 3.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_. p. 11 e *Concepção dialética da História*, p. 206.

vidade coercitiva e disciplinar através dos mecanismos da sociedade política.

Considerando-se a hegemonia como correlação de forças e a luta por novas relações hegemônicas, a atuação dos intelectuais torna-se imprescindível: para as classes dominantes, no sentido de criar as bases de sustentação e legitimação da ordem social instituída; para as classes dominadas, pela necessidade histórica de superar as divisões sociais, unir as forças populares emergentes e lutar por uma nova ordem social.

Assim, no âmbito das relações hegemônicas, formam-se os intelectuais orgânicos (da burguesia ou do proletariado), que expressam, organizam, defendem, os objetivos e interesses do grupo social ao qual estão vinculados.

A partir da estrutura do Estado Moderno, há uma gradação de funções, uma divisão do trabalho e uma fragmentação de tarefas de caráter manual e instrumental (ligada à própria divisão social do trabalho) que em algumas situações "não mais aparece nenhuma atribuição diretiva e organizativa"; formaram-se grandes massas intelectuais de tipo urbano (intelectuais modernos) que desempenham novas funções nascidas com o desenvolvimento industrial ou tarefas políticas necessárias ao grupo social dominante; deste modo, elaborou-se uma gradação que se estende desde os "grandes intelectuais", criadores de ciência, filosofia, arte, etc., até os "administradores e divulgadores mais modestos da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada".<sup>28</sup>

Pelo exercício de funções em todos os campos das relações sociais, estes intelectuais desempenham a tarefa de organizar a economia, a política, a cultura, divulgar concepções de mundo, construir as bases para a formação do "consentimento", viabilizando o exercício da hegemonia.

Uma outra categoria de intelectuais que Gramsci aponta na sociedade italiana é a tradicional, composta, em geral, por intelectuais rurais, camponeses ou da pequena-burguesia das cidades menores, sem um vínculo com o novo modo de produção, desempenhando funções burocráticas, ocupando cargos na administração estatal e local, atuando como mediadores entre o poder instituído e as massas camponesas; os intelectuais tradicionais são também os

<sup>28</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 11-12.

que se ligam a um bloco histórico anterior, aparecendo como "representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas"; são eclesíasticos, sem ligações orgânicas com a classe dominante, considerando-se a si mesmos como autônomos e independentes.<sup>29</sup>

→ O intelectual orgânico do proletariado é o organizador e dirigente político, nascido das lutas políticas das classes dominadas; sua ação "não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, 'persuasor permanente'";<sup>30</sup> a partir da sua atuação política, irá apontar as contradições que perpassam o social, desmistificar o poder e as relações de dominação, despertar a consciência crítica e autônoma; criar um mesmo "clima cultural" que prepare a nova hegemonia.

Gramsci reconhece que o proletariado, como classe, é pobre de elementos organizativos e quando forma seus intelectuais orgânicos, o faz árdua e lentamente;<sup>31</sup> suas possibilidades de organização política são reduzidas e, muitas vezes, não consegue superar o nível econômico-corporativo; enfrentar a formidável e bem organizada estrutura ideológica da classe dominante é tarefa difícil e nem sempre fadada ao sucesso. As perspectivas de mudança se colocam a partir do próprio esforço das classes dominadas em criar meios de organização política e cultural, em romper a influência da classe dominante tomando progressivamente "consciência da sua própria personalidade histórica", em buscar o apoio de classes potencialmente aliadas.<sup>32</sup> Esta tarefa cabe ao partido político, organismo criado pelas próprias massas como instrumento de luta e de auto-educação, de elaboração e difusão de uma nova concepção de mundo. É através do partido que se poderá desenvolver uma nova vontade política, estabelecer alianças com outras classes dominadas, conquistar os intelectuais tradicionais para a defesa do projeto hegemônico do proletariado. A aliança entre operários e camponeses tem seu êxito relacionado à capacidade de assimilar o maior número possí-

<sup>29</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 5-6.

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_, p. 8.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_, *Alguns temas da questão meridional*, p. 164.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_, *Passato e presente*, p. 172-3.

vel de intelectuais tradicionais, rompendo com a "armadura flexível, mas resistente" que eles formam com sua atuação junto aos camponeses. E esta conquista é mais rápida e eficaz se o proletariado elaborar seus próprios intelectuais orgânicos, que surjam diretamente das massas, dando-lhe sustentação política e ideológica.<sup>33</sup>

No contexto da luta por novas relações hegemônicas, esta é a base que possibilita criar novas estratégias de luta: as crises orgânicas, expressas na desarticulação econômica, política e cultural, poderão ser enfrentadas como momentos de ruptura que viabilizam o avanço político e a conquista da hegemonia.

Nas sociedades modernas, a conquista da sociedade civil, da direção política, do consenso, é o caminho para qualquer confronto hegemônico. Sendo a realidade contraditória e a sociedade civil o espaço do antagonismo, pode-se encontrar brechas, pontos de cisão da hegemonia existente. A contradição, gerada no mundo da produção, expressa-se na cultura, no modo como os trabalhadores vivenciam as concepções de mundo recebidas e assimiladas no seio da sociedade civil; há, no cotidiano, um "contraste entre o pensar e o agir, a coexistência de duas concepções de mundo, uma afirmada por palavras e outra manifestando-se na ação efetiva";<sup>34</sup> assim, as idéias e as crenças mais conservadoras convivem com elementos embrionários renovadores que se manifestam na ação, muitas vezes em contradição com os elementos culturais, morais, religiosos, da concepção de mundo dominante. Quando a conduta é submissa e subordinada, as contradições passam despercebidas; só a organização política, a conduta independente e autônoma, pode transformá-las em formas de resistência. Formar uma concepção de mundo coerente e unitária significa tomar consciência das contradições vividas no cotidiano, criticá-las e superá-las, unificando teoria e prática.

Considerando-se que a hegemonia se efetiva como direção política e cultural e que toda "nova civilização", mesmo sendo "reprimida, combatida, obstaculizada de todos os modos, expressou-se antes na literatura que na vida estatal",<sup>35</sup> percebemos o quanto a

<sup>33</sup> GRAMSCI, A. *Alguns temas da questão meridional*, p. 165; *Os intelectuais e a organização da cultura*, p. 9; *Concepção dialética da História*, p. 27.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_. *Concepção dialética da História*, p. 14-15.

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_. *Literatura e vida nacional*, p. 87.

ação do intelectual orgânico e do partido político são importantes (e mesmo indispensáveis) na preparação da contra-hegemonia.

### 3. Filosofia, política e história

A preocupação de Gramsci em esclarecer a relação entre filosofia, política e história se coloca a partir da necessidade de enfrentar as interpretações mecanicistas do marxismo, cuja influência no movimento operário italiano (principalmente Bukhárin<sup>36</sup>) precisava ser considerada; também para romper com as interpretações idealistas (Croce<sup>37</sup> e Gentile<sup>38</sup>), em função da liderança ideológica destes dois grandes intelectuais na Itália, líderes nacionais de movimentos de cultura, representantes de um hegelianismo degenerado e mutilado, a partir do qual reinterpretem o marxismo reduzindo-o a mais uma filosofia especulativa.<sup>39</sup>

Assim, era necessário reafirmar o marxismo como uma concepção de mundo integral, uma filosofia original que pode ser criti-

<sup>36</sup> BUKHÁRIN, Nikolaj Ivanovic (1888-1938); participou do movimento revolucionário de 1917 na Rússia e da organização do novo Estado Socialista; aliado de Stalin até 1929, quando passa a ser acusado de traidor, sendo processado e fuzilado, em 1938; escreveu obras de divulgação do marxismo, reinterpretando-o; seu livro *A teoria do materialismo histórico: Manual Popular de Sociologia Marxista* (1921), é criticado por Gramsci.

<sup>37</sup> CROCE, Benedetto (1866-1952); filósofo, político liberal-conservador, exerceu grande influência na cultura italiana do Novecento. Como filósofo, aproximou-se do hegelianismo pela influência de Labriola. Seu sistema neo-idealista reinterpreta Hegel e dialoga com as obras de Marx; seus escritos principais: *Breviário di estetica* (1913), *Filosofia dello spirito* (1902-1917), *Cultura e vita morale* (1914), além de numerosas obras historiográficas, entre elas a *Storia d'Italia de 1871 a 1915*. Como político, foi senador (1910) e ministro da Instrução Pública (1920-21); na grande crise nacional do início dos anos 20, que culminou na ascensão do fascismo, manteve-se vacilante; mais tarde, posicionou-se contra o regime fascista.

<sup>38</sup> GENTILE, Giovanni (1875-1944); filósofo e político italiano, colaborador na *Revista Crítica*, juntamente com Croce; aderiu ao fascismo tornando-se um dos seus intelectuais; ministro da Educação de 1922-4, realizou uma grande reforma do ensino, separando escola elementar e média e direcionando o ensino para a profissionalização. Obra principal: *Teoria general dello spirito come atto puro* (1916).

<sup>39</sup> "É possível dizer que uma grande parte da obra filosófica de B. Croce representa esta tentativa de reabsorver a filosofia da práxis, incorporando-a - como escrava - à cultura tradicional." *Concepção dialética da História*, p. 187. O próprio Gramsci sofreu a influência do idealismo croceano na juventude, superando-a nos *Cadernos do cárcere*.

camente difundida e socializada, histórica pela sua eficácia prática e seu alcance social.

Uma filosofia não pode ser entendida como simples fato intelectual, mas é inseparável da ação política, ou para conduzir à aceitação e sustentação das relações de poder ou para recriar e redefinir a própria ação política. A filosofia de uma época se identifica com a história desta mesma época e esta identidade se completa pela relação de ambas com a política.

*A filosofia de uma época não é a filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos estes elementos, culminando em uma determinada direção, na qual sua culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se "história" concreta e completa (integral).<sup>40</sup>*

Esta combinação de elementos, dos mais arcaicos aos mais modernos, na concepção de mundo de uma sociedade, formam o nosso modo de pensar e sentir a vida, de partilhar as aspirações, de acreditar e lutar pelos sonhos, enfim, de viver a cultura e levar avante a luta pela hegemonia; "a filosofia de uma época não é senão a 'história' desta mesma época", isto é, "história e filosofia são inseparáveis, formam um bloco";<sup>41</sup> nesta perspectiva, a noção de tempo se transforma, a história é entendida como um processo contraditório de construção das sociedades e o passado pode ser constantemente retomado e reinterpretado no processo de crítica das relações sociais do presente.

A reflexão histórica deixa de ser uma atividade meramente especulativa para tornar-se uma atividade essencialmente política, já que o presente é expressão das contradições colocadas, vividas e superadas no processo histórico e a necessidade de compreendê-lo e realizar a crítica da realidade social é que motiva e justifica esta atividade.

A articulação entre filosofia, política e história, realizada pela filosofia da práxis, é retomada também para a crítica da apropriação fascista da história italiana; o Partido Fascista conseguiu unificar a Itália em torno de seus propósitos políticos através da recuperação

<sup>40</sup> GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*, p. 32.

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_, p. 32.

de valores tradicionais, da renovação da estrutura familiar, da instauração de um sistema educacional que acentuava a distinção entre classes privilegiadas e classes dominadas pela separação entre ensino humanístico e profissionalizante, da defesa do corporativismo como premissa para a introdução na Itália da mecanização do trabalho nos moldes do americanismo.<sup>42</sup> Contra o critério de classe na análise das relações sociais, os fascistas declaram o interesse nacional como prioritário e superior em relação aos interesses pessoais ou de grupos; o único internacionalismo admitido é o que deriva dos impérios ou das religiões: no passado histórico resgata-se a experiência de um poder centralizado e despótico (Roma imperial), expresso na pessoa do *condottiero*, salvador da nação e capaz de levá-la novamente à glória; no catolicismo, utilizado como instrumento de ação política, retoma-se o papel cosmopolita que a casta sacerdotal representava junto à sociedade e que os imperadores expressavam ao serem cultuados e divinizados.<sup>43</sup> No passado, portanto, buscavam-se os elementos para a justificação e afirmação de um poder autoritário e imperialista.

O fascismo também se apóia em leituras históricas realizadas por intelectuais liberais que, direta (Gentile) ou indiretamente (Croce), dão sustentação teórica ao regime; Gramsci procura denunciar os perigos da historiografia burguesa que, com sua interpretação parcial e tendenciosa do passado histórico europeu, cria um movimento ideológico que prioriza os momentos de restauração, tende a conciliar interesses opostos e contraditórios, diluindo a luta de classes e contribuindo, assim, para a consolidação do fascismo. Assim, Adolfo Omodeo,<sup>44</sup> que aborda o passado de um ponto de vista nacionalista, ou Benedetto Croce, que omite da história os períodos revolucionários, favorecem as interpretações conservadoras do presente e as deformações propagandísticas.

Além de revelar o caráter conservador e ideológico destas interpretações, Gramsci acentua a necessidade de resgatar na história da Itália as outras alternativas possíveis que se colocaram em determinadas circunstâncias mas que, a partir da luta política e do con-

<sup>42</sup> GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*, p. 385.

<sup>43</sup> \_\_\_\_\_, *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*, p. 352.

<sup>44</sup> OMODEO, Adolfo. Historiador italiano, professor, com diversos trabalhos sobre o nacional-popular e a história italiana; sua leitura é criticada por Gramsci por ser nacionalista e muito estreita.

fronto das forças sociais, foram possibilidades vencidas, sufocadas ou mistificadas.

A história não tem um único sentido, como não há uma única verdade, mas forças sociais em luta, num processo onde o cultural, o político e o econômico se inter-relacionam formando um todo orgânico, onde todas as instâncias são igualmente determinantes e determinadas; as lutas por uma nova Itália não passam pela restauração do passado, mas pela compreensão das contradições, das lutas populares e dos fatos que contribuíram para que a vontade e as reivindicações destas classes fossem reprimidas.

Sendo o processo histórico contraditório, "a vitória de um grupo ou de uma idéia não é razão suficiente para esquecer ou condenar sem apelo os vencidos".<sup>45</sup> A fragilidade das classes dominadas no seu processo de organização política se liga, em parte, à não elaboração de um trabalho crítico que resgate a sua história; estas classes "nem mesmo suspeitam que sua história possa ter alguma importância e que tenha algum valor deixar traços documentados".<sup>46</sup>

A luta hegemônica supõe a formação de uma concepção de mundo coerente e unitária, "a consciência daquilo que somos realmente", a partir de um processo histórico contraditório, cujo inventário é necessário realizar;<sup>47</sup> exige a crítica do passado, numa expressão não só teórica, mas política, isto é, que possibilite impulsionar a ação transformadora.

Os critérios de pesquisa histórico-política, no sentido de resgatar o passado histórico do ponto de vista das classes dominadas, supõem a correlação de forças sociais, a luta hegemônica como conquista da direção política e cultural da sociedade:

1) A formação objetiva dos grupos sociais subalternos, pelo desenvolvimento e transformações que se verificam no mundo da produção econômica, a sua difusão quantitativa e a sua origem nos grupos sociais preexistentes, dos quais conservam por um certo tempo a mentalidade, a ideologia e os fins; 2) a sua adesão ativa ou passiva às formações políticas dominantes, as tentativas de influir nos programas destas formações para impor reivindicações próprias e as conseqüências que tais tentativas tiveram no determinar processos de decomposição e de renovação ou de

neoformação; 3) o nascimento de novos partidos dos grupos dominantes para manter o consenso e o controle dos grupos subalternos; 4) as formações próprias dos grupos subalternos para reivindicações de caráter restrito e parcial; 5) as novas formações que afirmam a autonomia dos grupos subalternos, mas nos velhos quadros; 6) as formações que afirmam a autonomia integral, etc.<sup>48</sup>

Trata-se de um exame crítico da história esclarecendo o processo de formação social e política das classes dominadas no confronto com a hegemonia dominante, os mecanismos de direção e formação de consenso, utilizados para a submissão e o controle das classes dominadas e as possibilidades de organização autônoma e de criação de formas de resistência.

Gramsci acentua que, na verdade, se pode encontrar no passado tudo que se queira, "manipulando as perspectivas, a ordem das grandezas e dos valores";<sup>49</sup> a mistificação é uma grande arma política e a historiografia burguesa e fascista não hesita em buscar na tradição italiana (que apresenta diversos filões: desde a resistência encarniçada, a luta sangrenta, até a acomodação, o espírito de combinação) o que lhe é mais conveniente para a justificação de um regime ditatorial e imperialista.

A filosofia da práxis, porém, não mutila a história, mas tende a reinterpretá-la a partir da divisão social, do conflito de classes, procurando compreender o processo contraditório de formação social e considerando, por isso, todas as perspectivas, numa visão abrangente da realidade.

A filosofia da práxis, ao apontar o caráter histórico de todas as filosofias e se apresentar como a "teoria das contradições" existentes na história e na sociedade,<sup>50</sup> assume "todo o passado cultural, o Renascimento e a Reforma, a filosofia alemã e a Revolução Francesa, o calvinismo e a economia clássica inglesa, o liberalismo laico e o historicismo: em suma, o que está na base de toda a concepção moderna de vida" é a crítica e a superação, é o "coroamento de todo este movimento de reforma intelectual e moral, dialetizado no contraste entre cultura-popular e alta cultura";<sup>51</sup> é a concepção de mun-

<sup>48</sup> GRAMSCI, A. *Il Risorgimento*, p. 191.

<sup>49</sup> \_\_\_\_\_. *Passato e presente*, p. 34.

<sup>50</sup> \_\_\_\_\_. *Concepção dialética da História*, p. 270.

<sup>51</sup> \_\_\_\_\_. p. 106.

<sup>45</sup> GARIN, E. Gramsci nella cultura italiana. In: *Lecture di Gramsci*, p. 31.

<sup>46</sup> GRAMSCI, A. *Passato e presente*, p. 55.

<sup>47</sup> \_\_\_\_\_. *Concepção dialética da História*, p. 12.

do das classes dominadas, expressão das suas lutas, dos seus sonhos, dos avanços e recuos na conquista da hegemonia; é a manifestação "de uma nova cultura em gestação, que se desenvolverá com o desenvolver-se das relações sociais", como uma atitude "crítico-polêmica, jamais dogmática",<sup>52</sup> mas realista, que considera "as razões do adversário", que pode ser todo o pensamento passado.<sup>53</sup>

Na filosofia da práxis, história e política se articulam, a desmistificação do pensado se faz pela manifestação de suas origens históricas, para o benefício das classes dominadas que, para educar-se na arte de governar, para avançar no processo de organização política e de luta hegemônica, precisam conhecer a história, pois é impossível construir um modo novo e original de vida sem compreender o processo pelo qual os problemas reais do presente foram gerados e amadurecidos.

Resgatar o passado cultural italiano, portanto, é necessário para a conquista hegemônica.

## II PARTE

---

<sup>52</sup> GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*, p. 109.

<sup>53</sup> \_\_\_\_\_, p. 31.